SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

APRECIAÇÃO Nº 019 /22/AC/82

DATA : 18 Mai 82.
ASSUNTO : GUIANA. Disputa do ESSEQUIBO.
ORIGEM : AC/SNI.
DIFUSÃO : CH SNI.

À medida que se agrava a situação no conflito anglo-argentino, em torno da disputa pelas FALKLANDS/MALVINAS, o impasse entre CARACAS/GEORGETOWN, em torno da GUIANA ESSEQUIBA, pelos riscos latentes que encerra, também coloca em "suspense" a atenção internacional, particularmente no Continente americano.

A exemplo da maioria das disputas fronteiriças na AMÉRICA DO SUL, a existente entre a GUIANA e a VENEZUELA tem causas econômicas: a região do ESSEQUIBO - uma área de aproximadamente 160 mil quilômetros quadrados - é rica em urânio, petróleo, diamantes e outros recursos minerais. Por causa dessa mesma área, EUA e GRÃ-BRETANHA já estiveram, há mais ou menos um século, à beira de uma luta armada. Isto ocorreu quando LONDRES ignorou os protestos de CARACAS contra a anexação desse território e, então, WASHINGTON forçou o Governo britânico a sentar-se à mesa de negociações, ameaçando declarar-lhe guerra.

O problema foi solucionado, temporariamente, através de uma conferência realizada em PARIS, em 1899, quando grande parte da área reclamada pela VENEZUELA foi cedida à INGLATERRA, ficando o país sul-americano com o estratégico delta do ORINOCO. O acordo foi respeitado durante muitos anos, apesar da suspeita de que o presidente da Conferência, um russo, favorecera ao país europeu.

Essas suspeitas acabaram provocando uma disputa diplomática, interrompida em 1970, quando a GUIANA e a VENEZUELA concordaram em arquivar o assunto por 12 anos, ocasião em que se deu a assinatura do Protocolo de "Port of Spain", cuja vigência

termina em 18 de junho de 82.

As relações entre os dois países melhoraram durante a administração do Presidente venezuelano CARLOS ANDRÉS PEREZ. O líder castelhano tinha um desígnio bastante interessante. A idéia dele era utilizar o interesse guianense no desenvolvimento econômico para, de certa forma, comprar-lhes a solução do problema. Para isso, CARACAS deveria se valer do grande interesse que GEORGETOWN sempre demonstrou pelo projeto do Alto Mazaruni (complexo de usinas hidroelétricas, associado à indústria de alumínio e transformação de bauxita). Sua idéia era oferecer à GUIANA uma solução na base do financiamento e até compra da energia adicional e, em troca, uma retificação de fronteira. Prontamente o Governo FORBES BURNHAM recusou.

Ultimamente, embora os dois países tenham-se comprometido a resolver o litígio pacificamente, desde abril de 81 não faltam rumores sobre violação de espaço aéreo guianense, sobre movimentos de tropas de ambos os lados e até de choques na fronteira, trazendo a ex-colônia britânica em constante sobressalto, na perspectiva de uma eventual invasão do território contestado pelas Forças Armadas venezuelanas. Não faltam, desde aquela ocasião, setores políticos pressionando o Governo de HERRERA CAMPINS para que desenvolva uma agressiva política exterior, em favor das reivindicações sobre a área em disputa. Ao mesmo tempo, o Presidente guianense iniciou uma ofensiva diplomática, consolidando um apoio indispensável em defesa do território.

Depois da invasão das MALVINAS pela ARGENTINA, começaram a surgir denúncias, pela GUIANA, de que a VENEZUELA estaria concentrando tropas na fronteira, com o suposto objetivo de ocupar a região do ESSEQUIBO, cuja soberania é reivindicada pelo Governo venezuelano.

Recentemente, além das denúncias, têm ocorrido pronunciamentos de personalidades venezuelanas que se dizem porta-vozes de alguns setores políticos de CARACAS, em defesa de uma solução, pela força, da questão entre os dois países. O próprio Presidente guianense, FORBES BURNHAM, não se cansa de repetir que "círculos influentes na VENEZUELA estão insistindo na inva

são do ESSEQUIBO".

Embora CARACAS reitere que são "infundados os temores de GEORGETOWN sobre o assunto", os guianenses parecem não acreditar muito nisso. Sabem que a questão tem, para os venezuelanos, o mesmo peso emocional que tem para os argentinos a questão das MALVINAS. Sabem, também, que a campanha eleitoral na VENEZUELA corre desfavoravelmente, para o partido atualmente no poder. A sensação de derrota é crescente.

A situação guianense-venezuelana é ainda de indefinição quanto ao tipo de resolução possível. Ainda é difícil de prever-se que caminho tomará a disputa. Se fracassarem as opções por via pacífica, VENEZUELA e GUIANA poderão desencadear uma crise, talvez mais grave do que a do Atlântico Sul entre ARGENTINA e GRÃ-BRETANHA. Nessa hipótese, CUBA, que dá toda a razão a BUENOS AIRES, de certo ficaria ao lado do Governo de GEORGETOWN, um de seus aliados mais importantes no continente.

* * *

GUIANA

Situada na costa NE da AMÉRICA DO SUL, a GUIANA é limitada ao N pelo oceano ATLÂNTICO; a E pelo SURINAME; ao S e a SW pelo BRASIL e a NW pela VENEZUELA. O País se divide em uma região costeira baixa, um interior recoberto de florestas e uma região de savanas e montanhas ao S e a W.

1. - ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Pouco se sabe da história da GUIANA antes da chegada dos europeus. Quando os primeiros exploradores desembarcaram, no final do século XVI e princípio do século XVII, encontraram os índios arauak, carib e uaraus vivendo na área. No final do século XVII, o país foi colonizado pelos holandeses; no século seguinte, foi dominado, alternadamente, pelos ingleses e holandeses. Em 1815, o domínio inglês foi firmemente estabelecido.

Em 1831, as colônias de BERBICE, ESSEQUIBO e DEMERARA são unificadas na colônia da GUIANA INGLESA que, 6 anos depois, ganha um governo representativo limitado.

Em 1961, a colônia consegue total autonomia. Depois de uma série de crises políticas, chega, afinal, à Independência, em 1966, passando a se constituir um Estado da Comunidade Britânica.

Em 1970, a GUIANA foi proclamada República.

2. - POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Além de problemas graves de fronteira com a VENEZUELA — que reclama a área a W do rio ESSEQUIBO — e com o SURINAME — com quem ainda não decidiu qual dos rios, o COURANTYNE ou o

NEW RIVER, define os limites entre seus territórios —, a GUIANA enfrenta, também, sérios conflitos étnicos entre os 50% de indianos, em sua maioria do meio rural, que se sentem discriminados pelos 35% de africanos, que detêm a quase totalidade dos empregos na administração e na indústria.

O julgamento de 23 proeminentes oficiais do Exército e comerciantes envolvidos em irregularidades vinculadas ao comércio exterior e duas greves de trabalhadores na indústria de bauxita marcaram o primeiro semestre de 1979.

Outros acontecimentos, entre os quais assassinatos de 2 importantes personalidades, fizeram com que o então Primeiro Ministro FORBES BURNHAM tomasse uma série de medidas consideradas repressivas pela oposição que chegou, mesmo, a solicitar o comparecimento de uma delegação internacional para supervisionar as eleições gerais de DEZ 80 (dois meses antes, BURNHAM tinha-se declarado presidente, promulgando uma nova Constituição, e convocado essas eleições para formalizar sua posse na chefia do Estado). BURNHAM foi eleito por larga maioria de votos.

No fim de 1980, ocorreram choques na fronteira com a VENEZUELA, depois que o governo guianense anunciou sua decisão de instalar, na área em litígio entre os 2 países, 1500 refugiados laocianos. As pressões internacionais, aliadas à instável situação interna fizeram com que BURNHAM abandonasse esses planos.

3. - TERRITÓRIO

Área: 215 mil km^2 (pouco menos que o território de RORAIMA); 1% cultivado; 3% de pastos; 3% de savanas; 60% de florestas; 22% urbanizados ou desérticos.

Litoral: 296 milhas.

Mar territorial: 12 milhas; 200 milhas para a pesca.

Cidades principais: GEORGETOWN (Capital, com 182 mil habitantes em 1979), complexo WISMAR-MACKENZIE-CHRISTIAMBURG (30 mil); NOVA AMSTERDÃ (15 mil).

4. - POVO

População: 850 mil (JAN 81); crescimento anual de 1,4%.

Divisões étnicas: 51% de indianos orientais; 43% de negros e mestiços; 4% de ameríndios; 2% de brancos e chineses.

Religião: 57% de cristãos; 33% de hindus; 9% de muçulmanos.

Idioma: inglês.

Alfabetização: 86%.

Força de trabalho: 242 mil (1975).

5. - GOVERNO

Nome oficial: República Cooperativa da GUIANA.

Tipo: República dentro da Commonwealth; Assembléia Nacional unicameral, composta de 65 membros: 12 representantes regionais e 53 eleitos por voto direto pelo sistema de representação proporcional.

Data nacional: 23 FEV

Principais partidos políticos e líderes: Congresso Nacional do Povo (L.F.S. BURNHAM, 78%); Partido Progressista do Povo (CHEDDI JAGAN, 19%).

Eleições: as últimas foram realizadas em DEZ 80, de acordo com a Constituição promulgada em OUT 80.

Comunistas: núcleo estimado de 100, pertencentes ao Partido Popular do Povo.

6. - ECONOMIA

PNB: US$ 521 milhões (1979); US$ 630 "per capita"; em 1979,

decréscimo de 3,7%.

<u>Agricultura</u>: cana-de-açúcar, arroz; escassez de trigo, óleo, carne.

<u>Principais indústrias</u>: bauxita, alumina, refino de açúcar, beneficiamento de arroz, madeira de construção.

<u>Energia elétrica</u>: 450 KWh "per capita" (1977).

<u>Exportações</u>: US$ 291 milhões em 1979 (bauxita, açúcar, arroz, alumina, camarões, madeira, rum).

<u>Importações</u>: US$ 318 milhões em 1979 (manufaturados, máquinas, petróleo e alimentos).

<u>Principais parceiros comerciais</u>: (1977) exportações: REINO UNIDO (31%), EUA (19%), CARICOM (16%), CANADÁ (5%); importações: EUA (26%), REINO UNIDO (21%), CARICOM (26%), CANADÁ (4%).

<u>Arrecadações - Aplicações</u>: "deficit" de US$ 101 milhões em 1979.

<u>Moeda</u>: dólar; US$ 1 correspondia a 2,33 dólares em ABR 81.

7. - <u>COMUNICAÇÕES</u>

<u>Ferrovias</u>: 109 km.

<u>Rodovias</u>: 5.700 km; 550 km pavimentados.

<u>Vias fluviais</u>: 5.900 km (o rio DEMERARA é navegável por navios oceânicos até a cidade de MACKENZIE).

<u>Portos</u>: 1 principal (GEORGETOWN); 3 secundários.

<u>Marinha Mercante</u>: 82 navios; 18 mil GRT.

<u>Telecomunicações</u>: altamente desenvolvidas; 27 mil telefones (3,3%); 6 estações de rádio AM, 2 de FM, não há estações de TV; 1 estação satélite no oceano ATLÂNTICO.

8. - <u>DEFESA</u>

<u>Mobilização</u>: 202 mil homens entre 15 e 49 anos.

Orçamento: US$ 17 milhões em 1978.

Efetivo total das FF.AA: [illegible].060 homens em 1980.

Marinha: 1 barco-patrulha e [illegible] lanchas-patrulha.

9. - PERSONALIDADES

Presidente: FORBES BURNHAM

Primeiro Ministro: PTOLEMY A. REID

10. - REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA

Embaixador: ASDRÚBAL PINTO DE ULYSSÉA

Adido das FF.AA: Cel. JOAQUIM ALVES BASTOS.

Alico Building

Hink & Regent Str.,

1st floor - Robbstown

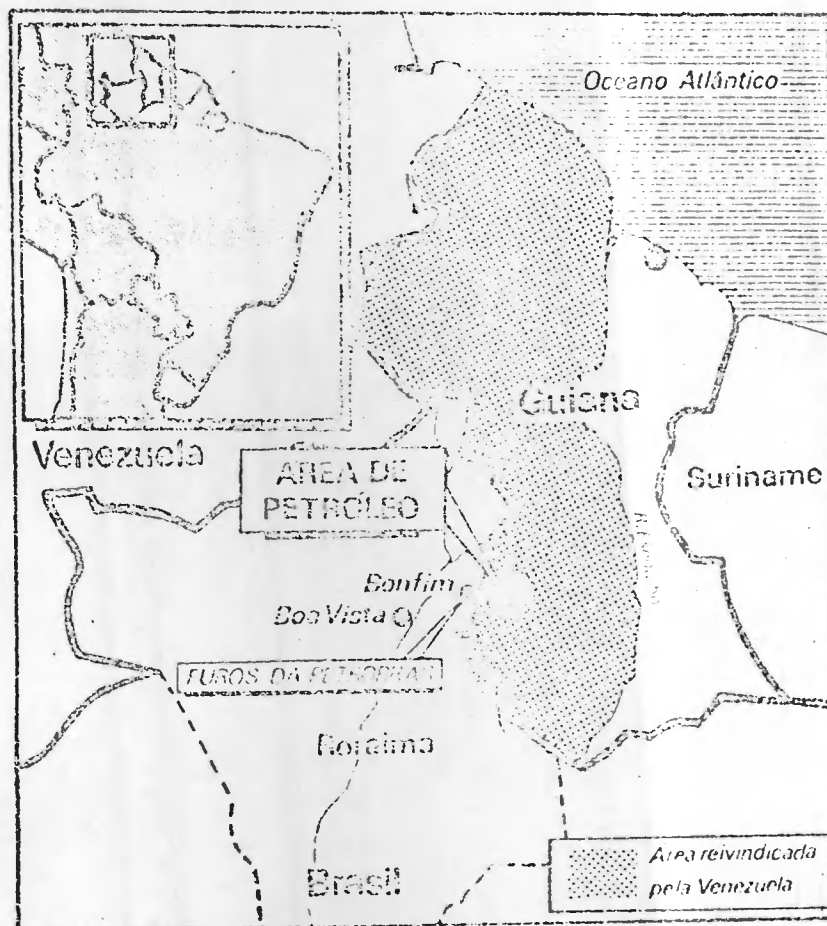
GEORGETONW.

11. - IMAGEM DO BRASIL

A GUIANA mantêm boa imagem do nosso país.

Diversas foram as iniciativas brasileiras para intensifi-- car a cooperação bilateral. A visita a GEORGETOWN de missão organizada pelo ITAMARATY, chefiada pelo Governador de RORAIMA, propiciou a análise de temas importantes para as relações regionais, tais como: o estabelecimento de conexões rodoviárias, aéreas e de sistemas de telecomunicações; cooperação técnica na área da produção mineral; cooperação no setor hidrelétrico.

PETRÓLEO NA GUIANA ESSEQUIBA

Em 20 ABR passado, o Ministro das Minas e Energia guianense anunciou que a empresa canadense HOME OIL, que explora, sob concessão de risco, a área da GUIANA fronteiriça com o BRASIL, assegurou haver descoberto na bacia do TAKUTU o maior poço de petróleo do mundo (v. mapa abaixo). Os primeiros 2 poços de teste apresentaram vazão de 400 barris diários. A HOME OIL garantiu que dali jorrarão nada menos que 1 milhão de barris por dia — mais que os 700 mil do poço iraquiano de MAJNOON (um dos maiores do mundo) e mais que os 706 mil que o BRASIL importa por dia para atender seu consumo.

A expectativa da empresa canadense é considerada por alguns como excessivamente otimista. De qualquer forma, poderá dar maior dimensão a um protocolo de intenções, já assinado en-

tre o BRASIL e a GUIANA que, entre cooperação na área de construção de hidrelétricas e transferência de tecnologia, prevê exportação prioritária de petróleo para nosso País.

As reservas quanto à expectativa canadense têm algum sentido já que, cerca de 2 anos atrás, a PETROBRÁS esteve pesquisando petróleo em RORAIMA, bem próximo à área que se mostra produtiva, e nada encontrou (v. mapa).

*